

O escritor e seu chapéu

Há alguns anos, em busca de um escritor para defender uma tese na área de estudos literários, me aventurei em leituras de autores por mim desconhecidos. Meses depois, persistia a dúvida entre escolher *Salgueiro*, do Lúcio Cardoso ou *Essa Terra*, de Antônio Torres. Escolhi a obra do baiano por dois interesses: um racional e um passional.

O interesse racional foi despertado pelas fugas que compõem o romance. Muitas – migração, loucura, solidão, sonho, delírios, entre outras – e propositadas, me intrigaram pelo simbolismo e pelas construções estilísticas e discursivas que transformaram esses escapes em recursos para simbolizar resistência.

O outro interesse fundou-se na minha paixão gratuita, amor à primeira vista mesmo, pelo pai do protagonista do romance. Esse personagem que me encanta mais a cada leitura, não apenas por conta dos conselhos que dá para o filho “bote o chapéu na cabeça, assim dói menos”*, não somente pela resiliência, resignação, contrição e afinco com que constrói o caixão do filho, e nem mesmo pelo inconformismo, frustrações e solidão que vão lhe devorando aos poucos. Encantei-me por esse velho pai pelos defeitos e virtudes todos que o definem e

pela importância dele na narrativa, aparecendo em momentos cruciais, de poucas palavras, mas presente. Em *Essa Terra* há silêncios que dizem muito – e doem –, até pesam.

Escolhido o autor, fui ler o restante da obra. E tem sido assim nos últimos anos, leio e releio Torres e a cada releitura um detalhe novo me faz repensar, alargar meus saberes, meu mundo. E a tese que seria sobre um dos livros agora está sendo elaborada considerando os três primeiros romances, porque, além de um escritor talentoso, Torres é comprometido com seu tempo, com seu ofício. Sua obra é atemporal e me dedico a analisar as três obras posto que, apesar de escritos e lançados em meio às agruras do regime militar, não foram proibidas de circular, ainda que abordassem o *modus operandis* de forças ditatoriais e problematizassem atos violentos.

Há resistência na escrita de Antônio Torres, desde os seus primeiros livros. Foi querer, foi opção do autor alçar à condição de protagonistas de romance migrantes nordestinos e jornalistas, em meio à imposição do silêncio, do cerceamento da liberdade de expressão, bem como falar de inúmeras mortes de cidadãos originários e de trabalhadores durante uma construção faraônica, carro-chefe de

um governo que alardeava a grandeza da obra e seus feitos milagrosos na economia.

A escritora Nélida Piñon diz que a obra de Torres “tem dimensão moral. Uma força poética que trata o sórdido e o triste como partes de uma engrenagem criativa indisposta a falsificar a realidade ou a transigir com subterfúgios o que a história quer silenciar”.** Sim. A escrita torresina é singular, estilosa, fala por si. É escrita baseada na arte-ofício da palavra, essa transfigurada em ficção para ser resistência.

Já ouvi o próprio AT dizendo que é escritor formado por frases assim: “*Conhecia-o de vista e de chapéu*”.*** Isso me fez lembrar-pensar que o chapéu, muito além de uma peça de vestuário, é invenção que remente à Antiguidade e inicialmente usado para ajudar a resistir às intempéries. Sim, Torres resistiu. A escrita é seu chapéu. Através da literatura permaneceu firme e por causa da sua literatura viver foi menos dolorido. Seus livros são para nós como chapéus. Com suas narrativas, especialmente as primeiras, nos ajudou – povo - a não esmorecer.

E aqui recordo um meu conterrâneo, amigo saudoso, Audálio Dantas, que disse “Tu costura bem, Tonho. Com a perfeição de um velho e honesto artesão”.**** E eu acrescento, além de costurar bem

as palavras, de saber “errar bem o seu idioma”,***** como diria Manoel de Barros, AT soube gritar por nós, principalmente nas horas mais difíceis. Quando mais precisávamos dizer e fomos tolhidos, quando o silêncio nos foi imposto, Torres gritou por nós. O cão uivou. O jornalista falou. O migrante berrou. Portanto, quem precisa de escriba melhor? Que pátria precisa de escriba que melhor a represente?

Parabéns AT. Parabéns por chegar aos oitenta legando à literatura brasileira uma obra rica, atemporal e corajosa, como toda boa literatura. E nós, leitores, devemos nos orgulhar dessa literatura, desse escritor, que não se verga, que já é imortal. E nós, professores, devemos ler mais Antônio Torres e levá-lo cada vez mais para a sala de aula. E nós, estudiosos, devemos analisar suas obras e refletir o Brasil e nós mesmos olhando para o passado e para dentro de nós. Oportunidade para, acima de tudo, repensarmos o país, repensarmos nós mesmos e sermos melhores. Melhores sujeitos, melhor nação.

Alguns dizem que a literatura não serve para nada, somente para inquietar e instigar e fazer pensar. O escritor Antônio Torres instiga, faz pensar e provoca inquietações individuais e coletivas. Nós, amantes da literatura, devemos tirar o chapéu para Antônio Torres.

Para você AT, eu tiro o meu chapéu porque tem sido mais que prazer, tem sido uma honra ler e pensar seus escritos.

Vanusia Amorim

Professora (IFAL), mestre em estudos literários (UFAL), doutoranda em estudos literários (UFAL).

Contato: vanusia.amorim@yahoo.com

*Essa Terra, Antônio Torres, Record, 2012.

** Nélida Piñon, discurso de recepção na posse de Antônio Torres na ABL, 2014.

*** Antônio Torres, entrevista Jornal Rascunho, 2013.

**** Audálio Dantas, Duas Cartas, 1973.

***** Manoel de Barros, Livro das Ignorâncias, 1994.